

CICLO DE CONFERÊNCIAS JORNAL ECONÓMICO/HUAWEI

Futuro chegou mais cedo e acelerou a transição digital

As seis conferências do ciclo JE/Huawei permitiram debater o papel da tecnologia na retoma da economia e o seu potencial em áreas como Educação, Saúde, Indústria, Sustentabilidade e Media.

INÉS PINTO MIGUEL
 imiguel@jornaleconomico.pt

Durante o mês de julho, o Jornal Económico e a Huawei Portugal desenvolveram um ciclo de conferências "A Step Into the Future" que incluiu a discussão de seis temas principais: Inovação e Tecnologia, Educação, Saúde, Indústria, Sustentabilidade e Media e Entretenimento, do ponto de vista de como a tecnologia irá potencializar estes diferentes setores no futuro após a pandemia do novo coronavírus.

Este ciclo de conferências, com os diversos convidados especialistas dos setores, permitiu debater o potencial da tecnologia como um elemento fundamental para retomar a economia após a crise gerada pela pandemia da Covid-19, sendo que uma ideia foi geral em todos os painéis: o novo coronavírus obrigou a uma adaptação ao mundo digital e acelerou a transição digital que muitos tentavam adiar em pleno século XXI.

Num momento em que se fala de comunicações mais rápidas e de um maior investimento, os oradores da conferência sobre Indústria defenderam que a solução para a indústria portuguesa terá de passar pela legislação do teletrabalho, que entrou em cena nas empresas com a obrigatoriedade do confinamento e que poderá passar a ser uma

modalidade de trabalho adotada por várias empresas. O teletrabalho mostrou ser uma ferramenta importante para o país, uma vez que permitiu que este não parasse totalmente. Assim, com a aceleração digital, é importante existir uma legislação laboral mais flexível para o modelo de trabalho remoto, permitindo que as empresas também consigam crescer e contratar mais mão de obra.

Na conferência sobre Saúde, foi também abordado o facto do Serviço Nacional de Saúde (SNS) ter apostado no serviço de tele-saúde, seguindo o exemplo de muitas startups médicas já existentes. A tele-medicina acabou por permitir que os médicos seguissem os seus pacientes de forma eficiente, uma vez que muitos optaram por evitar hospitais durante a pandemia devido ao elevado risco de transmissão. Na verdade, as novas tecnolo-

gias revelaram um novo potencial do SNS, apesar da adaptação ter sido um "desafio", como o vogal do conselho de administração dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde revelou na conferência, devido à falta de preparação do próprio sistema. A partir de agora, a visão do futuro será assente na existência assumida da tecnologia, algo para o qual a saúde pública perdia para os *players* privados que estão instalados no mercado português e que já dispunham destas ferramentas tecnológicas, como a marcação das próprias consultas e as tele-consultas.

Na Educação, as tecnologias vão permitir mais liberdade, mas o presencial vai continuar a desempenhar um papel de destaque no ensino português e no processo educativo como um todo.

Na conferência sobre o tema, o reitor da Universidade de Aveiro defendeu que o ensino irá ter um destino cada vez mais personalizado e interativo, tanto para o docente como para os alunos do país. Ainda assim, a mesma ideia não é apoiada pelo professor António Câmara, que comparou um professor a ensinar o seu aluno com um treinador de futebol a ensinar o seu jogador por vias virtuais. "Não vai resultar", ressaltou logo o professor da Universidade Nova de Lisboa, apontando a necessidade de fazer ainda mais pelo ensino no modelo tradicional, como o

"aprender-fazendo", melhorar as leituras e promover a criatividade.

Um dos problemas atuais do ensino continua a ser a falta de investimento, mas com a aposta em novas tecnologias irão acontecer novas oportunidades para o futuro da formação educativa em Portugal.

A qualificação da população esteve também em destaque na conversa sobre Inovação e Tecnologia, onde os oradores explicaram a necessidade emergente de qualificar a população para desenvolver o tecido empresarial e reter as empresas em Portugal. O acesso a capital estrangeiro para o desenvolvimento das empresas foi outra ideia discutida entre o mesmo painel, que apontou que este deve ser um aliado da recuperação económica do país, uma vez que o dinheiro já entra a partir das startups cujo nome é criado em Portugal e investimento é estrangeiro.

Abordando ainda o tema central da tecnologia, a Sustentabilidade também pode ser revista no digital. Estes dois conceitos estão "inevitavelmente compatibilizados", uma vez que a tecnologia acaba por ser um instrumento para as empresas desenvolverem a necessidade de serem sustentáveis, sendo que a secretária de Estado do Ambiente, Inês dos Santos Costa, explicou que o digital também pode ser visto como um veículo de introdução ao modelo da economia circular. ●

A tele-medicina tem permitido aos médicos seguirem os seus pacientes de forma eficiente, durante a pandemia



ALEXANDRE MIGUEL SANTOS
 Membro da administração da OPART



FRANCISCO PEDRO BAL-SEMÃO
 CEO do Grupo Impresa



ÁLVARO COVÕES
 Diretor-geral da Everything is New



DIOGO MADEIRA
 head of Public Affairs & Communications da Huawei Portugal





Hannah McKay/Reuters

WEB TALK JE/HUAWEI "MÉDIA E ENTRETENIMENTO"

Hologramas com pessoas virtuais num palco real

Última conferência do ciclo "A Step Into the Future", promovido pelo JE e Huawei, juntou a OPART, Impresa e Everything is New.

INÉS PINTO MIGUEL
imiguel@jornaleconomico.pt

Por mais que os hologramas sejam tecnologicamente sofisticados, não substituem uma experiência ao vivo. Esta é uma das ideias principais veiculadas na última conferência do ciclo "A Step Into the Future", promovido pelo Jornal Económico em parceria com a Huawei Portugal, na passada sexta-feira.

A cinco vezes, em diferentes espaços físicos, o diretor do JE, Filipe Alves, moderou a última conversa sobre como a tecnologia pode potenciar o setor dos Media e do Entretenimento, com a participação de *players* relevantes do setor, como Álvaro Covões, diretor-geral da Everything is New, Alexandre Miguel Santos, membro da administração do organismo de Produção Artística (OPART), Francisco Pedro Balsemão, CEO da Impresa, e Diogo Madeira, *head of Public Affairs & Communications* da Huawei Portugal.

A conversa, que pode ser vista na plataforma JE TV (através do site e redes sociais do Jornal Económico), começou pelo papel que os robôs podem ter no futuro do jornalismo. Neste âmbito, Diogo Madeira salientou a presença da tecnologia-robô como uma mais-valia, por permitir ao jornalista focar-se em temas mais importantes, enquanto o CEO da Impresa apontou o exemplo de um canal de televisão chinês que substituiu os pivôs humanos por robôs.

Ao abordar o tema da Inteligência Artificial, o responsável de Public Affairs & Communications da Huawei piscou o olho a Álvaro e a Alexandre devido à existência de bandas virtuais, tomando como exemplo a atuação da banda Gorillaz em Lisboa em 2005, bem como ao palco do NOS Alive que, no ano passado, "já tinha incorporado uma experiência de realidade virtual assente em 5G". Diogo Madeira explicou ainda que, na área dos espetáculos, como é o caso do festival organizado por Álvaro Covões, "a tecnologia não se sobrepõe, mas enriquece-o e cria novos

conteúdos dentro dos programas".

Álvaro Covões, apologeta dos espetáculos ao vivo, referiu que o festival do Passeio Marítimo de Algés usufruiu do seu primeiro concerto-holograma em 2010, com uma tecnologia que depois conseguiu ser implementada noutros setores. "É um espetáculo completamente diferente. No fundo, só se for para concorrer com as plataformas digitais e com a televisão, porque é isso que elas oferecem – um não ao vivo", defendeu o diretor-geral da Everything is New, acrescentando que não sabe se o futuro passará por este modelo de transmissão "desumanizada", uma vez que o espetáculo passa por ser vivido. "O espetáculo ao vivo vive extamente disso, do ser ao vivo, e isso é precisamente o que o torna único e insubstituível", defendeu.

O administrador da OPART sustentou que "nada substitui ir ao São Carlos ver uma ópera ou ir ao Camões ver um bailado", mas que pode haver um equilíbrio entre a tecnologia e a realidade, com a criação de novas ferramentas, como aconteceu durante a quarentena.

"Penso que o desafio que temos pela frente é encontrar um equilíbrio entre o espetáculo ao vivo e a utilização das novas tecnologias", conclui Alexandre Miguel Santos. ●

"Espectáculo ao vivo vive de ser ao vivo, e isso é precisamente o que o torna único e insubstituível", disse Álvaro Covões

